Sargento Max Wolff Filho

Herói da 2ª Guerra Mundial





Sargento Max Wolff à frente de sua patrulha

O Exército Brasileiro comemora, este ano, o Centenário de Nascimento do Sargento Max Wolff Filho, considerado um dos grandes heróis da Força Expedicionária Brasileira (FEB).

Filho de pai austríaco e mãe brasileira, nasceu em 29 de julho de 1911, na humilde cidade paranaense de Rio Negro. Segundo de cinco irmãos, em sua adolescência trabalhou com o pai numa torrefação de café e como escriturário nos armazéns de uma companhia de navegação.

Com a mudança de residência da família para Curitiba (PR), alistou-se no 15º Batalhão de Caçadores (15º BC), hoje 20º Batalhão de Infantaria Blindado (20º BIB). Posteriormente, servindo no 30º Regimento de Infantaria (30º RI), conquistou a admiração, o respeito e a confiança de seus superiores, pares e subordinados, em particular de seu comandante, o então Capitão **Zenóbio da Costa**, pela coragem e destemor demonstrados em situações de emprego da tropa.

Promovido à graduação de 3º sargento, passou a integrar a Polícia Municipal do Rio de Janeiro, na época Distrito Federal, organizada pelo Major **Zenóbio da Costa**.



Entrada da tropa brasileira em Montese

Aos 33 anos, voluntário e incorporado ao 11º Regimento de Infantaria (11ºRI), seguiu para a Itália em outubro de 1944, tendo destacada atuação na execução de ações de remuniciamento e resgate de feridos.

Desde cedo, em decorrência de sua determinação, excepcional senso de responsabilidade e cuidado especial que dispensava aos seus subordinados, tornou-se popular e querido não só pela tropa brasileira como também pelos americanos.

Em inúmeras oportunidades, o Sargento **Max Wolff** voluntariou-se para o comando de patrulhas, que, infiltradas nas linhas defensivas inimigas, realizavam reconhecimentos, faziam prisioneiros ou resgatavam feridos, evidenciando qualidades que o consagraram como o "Rei dos Patrulheiros".



Montese – Itália

Tombou heroicamente em solo italiano, no dia 12 de abril de 1945, durante a realização de uma patrulha de reconhecimento, após ter recebido uma rajada de metralhadora, levando aflição e angústia à tropa brasileira que combatia os alemães em Montese.

Sem dúvida, as ações do Sargento **Max Wolff Filho** foram eternizadas, pois cumpriu honrosamente a sua missão, sempre evidenciando lealdade, desprendimento, coragem e espírito de sacrifício.

Em reconhecimento aos seus predicados de herói da Força Expedicionária Brasileira, foi promovido *postmortem* ao posto de 2º Tenente e foi agraciado com as seguintes medalhas: Cruz de Campanha, Sangue do Brasil, Cruz de


Praça Sargento Max Wolff Filho no 20º Batalhão de Infantaria Motorizado – Curitiba (PR)



Medalha e barreta Sargento Max Wolff Filho

Combate de 1ª Classe e Bronze Star (americana).

Em 2010, o Exército Brasileiro criou a Medalha Max Wolff Filho, como forma de premiar os subtenentes e sargentos da Força Terrestre, do serviço ativo ou na inatividade, agraciando àqueles que demonstrem características e/ou atitudes evidenciadas pelo herói **Max Wolff**, destacando-se pela dedicação à profissão e pelo interesse no seu aprimoramento.

De modo a manter viva a memória deste valoroso herói da 2ª Guerra Mundial, o Exército Brasileiro dignificou as seguintes Organizações Militares com a Denominação Histórica "Sargento Max Wolff Filho":

– Escola de Sargentos das Armas (EsSA), localizada em Três Corações (MG), estabelecimento de ensino voltado para a formação dos futuros sargentos combatentes do Exército;

– 20º Batalhão de Infantaria Blindado (20º BIB), em Curitiba (PR), Organização Militar que teve a honra de incorporá-lo.

Sargento Max Wolff Filho, Herói da 2ª Guerra Mundial, seus atos de abnegação, sacrifício e bravura ficaram registrados na memória do Exército Brasileiro e, principalmente, nas melhores tradições da FEB, que, com muito orgulho, rendem-lhe as merecidas homenagens.


Escola de Sargentos das Armas – Três Corações (MG)


20º Batalhão de Infantaria Blindado – Curitiba (PR)



Escola Sargento Max Wolff Filho – EsSA

*Uma das mais significativas homenagens a este bravo sargento foi a adoção, pela Escola de Sargentos das Armas, da denominação histórica "**Escola Sargento Max Wolff Filho**". Tal escolha fundamentou-se no fato de o homenageado ter sido um sargento combatente possuidor de virtudes e atributos dignos de servir como exemplo aos futuros sargentos do Exército Brasileiro, elo fundamental na estrutura do Exército.*

Em 2011, a Escola de Sargentos das Armas (EsSA) tem a honra de comemorar o centenário de nascimento do Sargento **Max Wolff Filho**, herói da 2ª Guerra Mundial, cujo nome adotou como denominação histórica. Além de ser um exemplo para os futuros sargentos do Exército Brasileiro, ele também participou de ações de combate em lutas de largas frentes e em regiões montanhosas, que muito exigiram das pequenas frações de Infantaria e das demais armas como um todo.

Remontando às suas origens e ao contexto histórico, político e social em que esteve inserido, nota-se que o Sargento **Max Wolff Filho** foi forjado para o combate. Nada mais justo, portanto, que faça jus às homenagens prestadas por aqueles que admiram os verdadeiros líderes e neles se espelham.

Nascido em 29 de julho de 1911, era filho de **Max Wolff**, descendente de alemães, e de D. **Etelvina**, natural de Lapa (PR). Até os 4 anos, viveu as tensões da Guerra do Contestado. Aos 5 anos, durante a Primeira Guerra Mundial, frequentou a escola em Rio Negro. Aos 11, já era o principal auxiliar de seu pai numa torrefação e moagem de café. Aos

16, passou a trabalhar como escriturário de uma companhia que explorava a navegação no Rio Iguaçu. Nas horas de folga, juntava-se aos carregadores para ensacar erva-mate, carregar e descarregar vapores.

Serviu ao Exército, pela primeira vez, alistando-se no então 15º Batalhão de Caçadores, participando da Revolução de 1930. Transferido para o Rio de Janeiro, combateu a Revolução de 1932 no Vale do Paraíba. Foi professor de Educação Física e Defesa Pessoal. Ingressou na Polícia Militar do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, sendo Comandante da Polícia de Vigilância.

Na época da 2ª Guerra Mundial, apresentou-se voluntariamente, tendo sido designado para a 1ª Companhia do 1º Batalhão, do já tradicional 11º Regimento de Infantaria, em São João Del Rei. Contava ele com 33 (trinta e três) anos de idade.

Ingressou na Força Expedicionária Brasileira como 3º sargento. Desde cedo, tornou-se muito popular e querido, dadas as suas atitudes desassombradas e a maneira carinhosa e paternalista com que tratava seus subordinados. Com o passar do tempo, passou a ser admirado não só pelos seus camaradas, como também pelos superiores, tanto da FEB como do V Exército de Campanha americano, pelas suas inegáveis qualidades.

Todas as vezes que se apresentavam missões difíceis de serem cumpridas, lá estava o Sargento **Wolff** declarando-se voluntário, principalmente para participar de patrulhas. Fazia parte da Companhia de Comando e, como tal, sem estar ligado diretamente às atividades de combate, participou de todas as ações de seu Batalhão no ataque de 12 de dezembro a Monte Castelo, levando, de forma incessante, munição para a frente de batalha e retornando com feridos e, na falta desses, com mortos.

Indicado por sua coragem invulgar e pelo excepcional senso de responsabilidade, passou a ser presença obrigatória em todas as ações de patrulha de todas as companhias, como condição indispensável ao êxito das incursões. Um desses exemplos está contido no episódio em que o General **Zenóbio da Costa**, ao saber do desaparecimento do seu Ajudante-de-Ordens, Capitão **João Tarciso Bueno**, colocado pelo general à disposição do escalão de ataque por absoluta falta de recompletamento de oficiais, ordenara ao comandante do batalhão que formasse uma patrulha para resgatar o corpo do seu auxiliar. O comandante adiantou ao emissário que



a missão seria muito difícil, mas que tentaria. Para tanto, sabedor que só **Wolff** poderia cumpri-la, chamou-o, deu a ordem e ouviu do Sgt **Wolff**, com a serenidade, a firmeza e a lealdade que só os homens excepcionalmente dotados podem ter: "Coronel, por favor, diga ao General que, desde o escurecer, este padioleiro e eu estamos indo e voltando às posições inimigas para trazer os nossos companheiros feridos. Faremos isso até que a luz do dia nos impeça de fazê-lo. Se, numa dessas viagens, encontrarmos o corpo do Capitão **Bueno**, nós o traremos também". Não logrou êxito nesta missão, já que o Capitão **Bueno**, ferido, havia sido resgatado por um soldado. Mesmo assim, ainda lhe foi possível, naquela madrugada, salvar muitas outras vidas.



Tais qualidades elevaram-no ao comando de um pelotão de choque, integrado por homens de elevados atributos de combatente, especializado para as missões de patrulha, que marcharia sobre o acidente capital "Ponto cotado 747", ação fundamental nos planos concebidos para a conquista de Montese. Foi-lhe lembrado que deveria poupar munição para usá-la no momento devido, pois, certamente, os nazistas iriam se opor ferozmente ao ataque. Foi-lhe aconselhado que se precavesse, pois a missão seria à luz do dia.

Partiu às 12 horas de Monteporte, passou pelo ponto cotado 732 e foi a Maiorani, de onde saiu às 13 horas e 10 minutos para abordar o ponto cotado 747. Tomou todas as precauções, conseguindo aproximar-se muito do casario, tentando envolvê-lo pelo Norte. Estavam a 20 metros e o Sargento **Wolff**, provavelmente, tendo se convencido de que o inimigo recuava, estando longe, abandonou o caminho previsto para, desassombradamente, à frente de seus homens, com duas fitas de munição trançadas sobre seus ombros, alcançar o terço superior da elevação.

O inimigo deixou que chegasse bem perto, até quando não podiam mais errar. Eram 13 horas e 15 minutos do dia 12 abril de 1945. O inimigo abriu uma rajada, atingindo e ferindo o comandante no peito, que, ao tombar, recebeu nova rajada de arma automática, tendo caído mortalmente também um soldado que estava ao seu lado. Após essa cena, sucedeu-se a ação quase suicida de seus liderados para resgatar o seu corpo. A rajada da metralhadora inimiga rasgava um alarido de sangue. A patrulha procurava neutralizar a arma que calara o herói. Dois homens puxaram o corpo pelas pernas. Um deles ficou abatido nessa tentativa. O outro, esquálido e ousado, trouxe **Wolff** à primeira cratera que se lhe ofereceu. Ali, mortos e vivos se confundiam.

A patrulha, exausta, iniciava o penoso regresso às linhas aliadas, pedindo que a artilharia cegasse o inimigo com os fogos fumígenos e de neutralização. Os soldados do Onze queriam, a qualquer custo, buscar o companheiro na cratera para onde tinha sido trazido, lembrando a ação que ele mesmo praticara tantas vezes. Queriam trazer o paciente artesão das tramas e armadilhas da vida e da morte das patrulhas. Foi impossível resgatá-lo no mesmo dia em face da eficácia dos fogos inimigos, inclusive de artilharia. O dia seguinte era a largada da grande ofensiva da primavera. O Sargento **Wolff** lá ficara para que todos estivessem presentes na hora da decisão.

Montese foi conquistada.

Promovido *post mortem* ao posto de 2° tenente (Decreto Presidencial, de 28 de junho de 1945), deixou na orfandade sua filha **Hilda**, a maior afeição de sua vida de soldado. Da Itália, escreveu a sua irmã **Isabel**, relatando seu orgulho em pertencer ao Exército Brasileiro e que, se a morte o visitasse, morreria com satisfação.

Eis a síntese do heroísmo de um homem simples e valoroso.

Seus restos mortais encontram-se no Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, no jazigo 32, quadra G.



Monumento em honra ao Sargento Max Wolff Filho, no local de sua morte – Biscaia-Itália